

“GUERRA DE DEUSES”

um livro de
Sílvia Arcipreste

PRÓLOGO

A lenda dizia que Alir fora o primeiro homem, mas não, já há muito haviam homens antes dele, já havia muita fome, morte e terror. Alir, no entanto, foi o primeiro com poder. Real poder. Um poder capaz de mudar o mundo e tudo o que era então conhecido.

As suas premonições começaram com apenas cinco anos quando, ao olhar o céu azul do meio-dia, disse que uma bola de fogo iria cair dos céus e que, com ela, finalmente ele poderia jogar à bola com os rapazes mais velhos da sua aldeia. Essa bola era, como se veio a confirmar, na verdade, um meteorito, que caiu horas mais tarde, devastando centenas. A família de Alir fora das poucas a sair incólume da tragédia.

Depois do meteorito, algo mais se passou, algo dentro do próprio Alir modificou-se, moldou-se à sua própria imagem. Pouco tempo depois, já conseguia manipular o seu poder. Conseguia controlar a chuva. Pegar em objetos à distância só com a força da mente. Brincar com o fogo.

Era um rapaz astuto Alir. E, assim como muitos, encontrou a mulher mais bela e mais inteligente do mundo dos homens e pediu-a em casamento. Ela aceitou de imediato. Alir era pobre mas já há muito corriam rumores do seu poder, de como poderia vir a mudar o mundo e tudo o que nele era conhecido. Por isso, não havia nenhuma mulher na Terra Conhecida que lhe negasse a mão.

Primeiro, chegou o rapaz. De cabelos louros e tez morena, era o perfeito retrato da mãe. Pouco tempo depois nasceu a filha, a sua pequena princesa, que com os seus caracóis negros e audácia, era tal e qual como o pai. Mas nenhuma das crianças nasceu com poderes, apesar de testadas pelos próprios pais nos logo nos primeiros anos de vida. Eram simples mortais e Alir sentia-se grato por isso. Era uma bênção.

Com o tempo, também ganhou o dom da adivinhação. Conseguia ver o futuro, cada vez mais e mais longe, anos e anos a fio. Até que, por fim, pouco antes da sua morte, Alir viu-lhe o fim. E chorou.

Homens e mulheres vulgares, seguiam-no, honraram-no. Mas, apesar do seu poder extremo, apesar de poder ter a vida eterna se assim o desejasse, Alir continuava um homem de honra e seriedade: queria viver e morrer como todo e qualquer homem, como a ordem natural das coisas o exigia. Queria nascer e morrer não Alir, o profeta, mas sim Alir, o homem.

Já no seu leito de morte pegou então na mão da sua filha e do seu filho, olhou-os nos olhos e disse:

Darei a vós, meus descendentes, o meu poder. Muito ainda está para acontecer e acredito que vós, meus filhos, podereis modificar o que por aí vem. No entanto, escutai com atenção. Os meus poderes não poderão passar para mais ninguém. A minha missão na terra ainda não está cumprida; resta-vos a vós, meus herdeiros, completar a minha obra, Gotham e Alyss. Cabe-vos a vós remediar isto agora. Não podemos esperar mais uma outra geração. Mas, atenção: o poder, não poderá jamais, passar para os vossos súbitos. Têm de o deixar partir. Em algumas centenas anos, a criança filha do mundo nascerá e com ela trará a glória do seu fim. - A sua voz melodiosa estava calma e serena, mas conseguia-se ouvir um lampejo de fraqueza a traça-la. - Para passar o meu poder a vós, tereis de fechar os olhos, pois este poder terá de morrer convosco e nunca poderão saber como o passar para outrem. Esta runa mágica e poderosa morrerá comigo. Prometeis?

Ambos acordaram. Quando Alir uniu as mãos dos filhos, e traçou-lhes a runa do poder, fechou os olhos. Ele seguiu-lhe o exemplo. Ela não.